CORR0O BRAZILIENSt

>IO BRAZILIENSE u*e 23 MAMPP7 f

POLÍTICA

Samey só exige "reciprocidade

ANCISCO GUALBEHTO

O presidente José Samey
contestou a versão de que
esteja disposto a formar
um bloco parlamentar na
base do fisiologlsmô, sus-
tentando que não è de seu
estilo fazer política na base
da barganha de cargos e fa-
vores. Numa conversa com

parlamentar de sua absolu-
ta Intimidade, o Presidente
disse que apenas exige re-
ciprocidade dos que têm
participação na máquina
do Estado através da desig-
nação de pessoas de seu
grupo para cargos de con-
fiança.
Samey também negou
que José Maria Monteiro
tenha sido desnomeado pa-
ra a Delegacia da Receita
Federal em São Paulo por
ter sido indicado pelo lider
do PMDB na Constituinte,
Mário Covas. Na verdade,
quando determinou ao mi-
nistro Bresser Pereira que
cancelasse a nomeação,
nem sabia que Monteiro ti-
nha sido indicação de Co-
vas. Atendia ao principio
de que cargo técnico deve

ser suprido por técnico, so-
bretudo em repartição co-
mo a Receita, que controla
declarações de rendimen-
tos.
O Presidente disse a esse
deputado de sua confiança,
ontem pela manhã, que al-
guns deputados federais e
estaduais de São Paulo pro-
testaram contra a nomea-

ção de um politico, argu-
mentando que não deseja-
riam ver suas declarações
de rendimentos, suas con-
tas pessoais, rebuscadas
por políticos.
Sarney negou qualquer
teor politico no gesto, infor-
mando que Mário Covas
tem pessoa de sua confian-
ça como diretor da Compa-
nhia Siderúrgica Paulista
(Cosipa).
COVAS

O líder do PMDB na
Constituinte, senador Má-
rio Covas, afirmou ontem
que continua apoiando o
Governo, porque seus com-
promissos são com a tran-
sição democrática, não re-

velando qualquer tipo de
ressentimento pela desno-
meação de seu indicado,
José Maria Monteiro, para
delegado da Receita Fede-
ral em São Paulo.

Covas manifestou, contu-
do, sua discordância com o
método empregado pelo
Presidente para obter
apoio no PMDB através de
uma cisão no partido. Ele
está certo de que Sarney
conseguiria o apoio do
PMDB através do entendi-
mento, inclusive da facção
Ideológica, sem a necessi-
dade do construir um bloco
à parte, criando ressenti-
mentos no partido.
Ele não acredita na dura-
bilidade de uma aliança
A]ue se construa à base de
troca de favores ou de puro
fisiologismo. Os que con-
cordam em entrar nessa
roda-viva estão sempre
dispostos a cobrar mais fa-
vores quando não a recla-
mar dos que foram conce-
didos a outros dos seus
companheiros, disse Co-
vas.

Duque critica acão do Planalto

O líder do governo na Cã
mara dos Deputados. Car-
los AnfAnna (PMDB-BA).
teria 10 mi) cargos públicos
para negociar com os par-
lamentares a fixação do
mandato do presidente Jo-
sé Sarney em cinco anos,
enquanto o Serviço Nacio-
nal de Informações estaria
relacionando os governado-
res, numa escala de 5 a 10.
de acordo com o número de
constituintes que são capa-
zes de aliciar para o Palá-
cio do Planalto.

Pelo menos é o que "di-
zem", segundo revelou on-
tem, da tribuna da Assem-
bleia Nacional Constituin-
te, o deputado Hélio Duque
(PMDB-PR), num desaba-

fo contra a política de dis-
tribuição de cargos públi-
cos entre os políticos que
apoiam o Governo e a con-
sequente destituição dos
que hoje os ocupam e fa-
zem oposição. "Vem ai
uma nova prática de socio-
logia maranhense: compra
e vende, dá ou desce",
acrescentou.

0 deputado paranaense
não foi o único peemedebis-
ta, partido ao qual é filiado
o presidente Sarney. que
comentou o revanche da
Presidência da República.
Para apoiá-lo, o deputado
José Mendonça de Morais
(MGi ressalvou que "ser
Governo na hora de indicar
pessoas e ser contrário na

hora de aparecer nas man-
chetes de televisão, nas
manche.es de jornais, nada
mais é do que simplesmen-
te uma eonvardia".
Segundo o deputado mi-
neiro, "a reciprocidade que
os jornais estão dizendo ser
exigida pela Presidência,
nada mais é do que uma ló-
gica ero termos de políti-
ca" e máxima de que
"quem não está comigo es-
tá contra mim" não é de
hoje: "Está no Evangelho,
na história e no Brasil
atual". Adiantou, ainda,
que "quem vestiu a cami-
sa, honre a camisa; caso
contrária, fique despido de-
la e vista a camisa que qui-
ser".

Líder adverte PMDB

para futura derrota

"Ilude-se o PMDB de que
com uma eleição precoce
ele sairá vitorioso das ur-
nas, como aconteceu no
ano passado" — comentou
ontem o líder do Governo,
Carlos SanfAnna. ao infor-
mar que faltam apenas en-
tre 20 e 25 constituintes pa-
ra que o Centro Democráti-
co conquiste a maioria den-
tr o da bancais rir; FVvfOIí.
Com ela quer fazer preva-
lecer a tese de cinco anos
de mandato para o presi-
dente Sarney, mesmo que
isso represente uma nego-
ciação em torno da mudan-
ça do sistema de governo.
"Esse período mais longo"
defende — "é indispensá-
vel à recuperação económi-
ca que ajudará depois o
partido a manter sua prefe-
rência popular".

Indagado o que fará com
essa maioria, que dentro do
PMDB e na Constituinte
serve para inviabilizar a
aprovação de propostas
mas não para aprová-las

sozinha, o lider govemista
gosta de contar uma histó-
ria baiana, bem longa, mas
que resume-se na palavra
misture-se. Ou seja, quer
somar-se a expressiva par-
cela do PFL e dos pequenos
partidos como PTB. PL e
PDC, ainda que nesse mo-
mento as lideranças desses
três últimos reajam a essa
cfilocaçScv E, depois, perft
pagar para ver.
Há alguns dias. Carlos
SanfAnna passou a falar
mais forte em relação
àqueles que vêem sua lide-
rança desgastada e fora de
propósitos. Foi depois que
conseguiu remeter para a
convenção a decisão sobre
o mandato presidencial,
certo de que até o dia 13 te-
rá sua maioria assegurada,
portanto, em condições de
enfrentar aqueles que que-
rem cortar um pedaço do
mandato presidencial.
"Afinal", assinala, "uma
eleição precoce è péssima
par a a estabilidad e
econômico-financeira por-

que comove o País e o
PMDB não ganhará uma
eleição dessas, com candi-
datos avulsos e uma crise
brava Mas, não c só isso.
Sem cortrole da situação o
partido acabaria contri-
buindo i<ara a desestabili-
zação e oompromentendo a
transição".

Eegu;;>í3 Carloc SanfAn
na, esse período precisa ser
atravessado com seguran-
ça e tranquilidade pelo pre-
sidente Sarney e não se es-
gota na Constituinte, como
pensam alguns políticos.
Isso, no seu entender, pen-
sam alguns dos que apos-
tam no caos. Daí ter se em-
penhado para aglutinar em
torno da liderança do Go-
verno constituintes capa-
zes de aceitar suas ideias,
contando até aqui com 110
deputados e 20 senadores.
Nas suas contas, além dos
80 que votaram com ele na
reunião de bancada, mais
21 que estavam do outro la-
do pertencem ao grupo.

Raphael: Eleição é mau negócio

Rio — O ministro da Pre-
vidência Social, Raphael
de Almeida Magalhães,
afirmou ontem que não se-
ria uma "decisão inteligen-
te" do PMDB optar por um
mandato de quatro anos
para o presidente José Sar-
ney. Segundo ele, o partido
também tem responsabili-
dade pelo momento de cri-
se económica pela qual
passa o Pais já que o povo
associa a crise a Imagem
da agremiação e precipitar
o processo decisório seria
"péssimo para nós".

Raphael de Almeida Ma-
galhães se disse convicto
de que o melhor para o Bra-
sil é a realização de elei-
ções diretas para presiden-
te somente em 1989 e lem-
brou que ele e o presidente
do partido, Ulysses Guima-
rães, vêm defendendo esta
posição desde a campanha
para a eleição dos governa-

dores, no ano passado. Ao
ser indagado sobre a mu-
dança de opinião do presi-
dente Sarney que, quando
enviou em 85 a mensagem
para o Congresso propondo
eleições diretas para a sua
sucessão, defendia um
mandato de quatro anos. o
ministro comentou: "Acon-
tece que a situação mudou
muito de lá para cá e não
seria conveniente a realiza-
ção de eleições diretas ago-
ra".
Um pouco nervoso em
suas respostas e sem muita
convicção, Raphael de Al-
meida Magalhães disse
ainda que Tancredo Neves
jamais prometeu a realiza-
ção de eleições diretas em
1988. De acordo com a ver-
são do ministro, isto não es-
tá na carta compromisso e
nem é uma promessa da
Aliança Democrática:
"De uma vez por todas,
precisamos nos consclenti-

Presidente encerra

questão de mandato

O presidente José Sarney
afirmou ontem no seu pro-
grama semanal "Conversa
ao Pé do Rádio", que consi-
dera encerrada a discussão
sobre o tempo de duração
do seu mandato, e enfati-
zou que o PMDB e o PFL,
partidos fiadores da Alian-
ça Democrática, têm a
obrigação de apoiá-lo, e es-
pera também a "com-
preensão e o apoio" dos ou-
tros partidos. Sarney lem-
brou que comunicou ao
Pais, em seu pronuncia-
mento na última segunda-
feira, a decisão de ficar
cinco anos no cargo, "para
a tranquilidade dos dias
que nós vivemos".

O presidente ressaltou
que pediu apoio aos políti-
cos da Aliança Democráti-
ca e lembrou também que
"Ttence aos quadros do

PMDB, partido que é filia-
do, citando ainda que é pa-
trono da Frente Liberal.
Ele disse que sempre tem
sido leal aos dois partidos,
e "agora estou pedindo so-
lidariedade deles".

— O que eu desejo não é o
poder. Todas as brasileiras
e brasileiros sabem que eu
não tenha ambição de po-
der. O que eu desejo é con-
dições para melhor traba-
lhar, para que possa traba-
lhar fora das indefinições e
das lutas politicas sobre
mandatos que prejudicam
a Constituinte, prejudicam
o povo brasileiro, prejudi-
cam o nosso Pais e atra-
sam a solução dos nossos
problemas, como o da in-
flação, da divida externa e
da carestia — disse o Presi-
dente, para encerrar o as-
sunto.

zar de que a tradição brasi-
leira recomenda um man-
dato de 5 anos para presi-
dente e que o momento
atual não é próprio para a
realização de eleições", en-
fatizou o ministro.
Raphael de Almeida Ma-
galhães assegurou que não
há retaguarda militar para
a decisão do presidente
Sarney de ficar cinco anos
no Palácio do Planalto e
classificou esta versão de
"inacreditável". Quanto a
possibilidade de o Presi-
dente utilizar os 10 mil car-
gos de confiança que dispõe
para fazer acordos políti-
cos, beneficiando aqueles
que forem a favor de cinco
anos para o seu mandato, o
ministro afirmou: "Isto é o
óbvio ululante. Se os cargos
são de confiança o Presi-
dente tem mesmo que indi-
car quem ele confia ou fa-
zer acordos para as indica-
ções"

Congresso é
pelos 5 anos,
diz Chiarelli
Porto Alegre — Ao admi-
tir ontem, em Porto Ale-
gre, que a tendência do
Congresso para a definição
do período de Governo para
a presidência da República
é pelos cinco anos, o líder
do PFL no Senado, Carlos
Alberto Chiarelli, funda-
mentou sua opinião no
prestigio dos governadores
de estados do PMDB, que
defendem este prazo, dos
presidenciáveis José Richa
e Franco Montoro.

Segundo Carlos Chiarelli,
como o presidente José
Sarney afirmava ser neces-
sário antes equacionar os
problemas políticos e como
ele mesmo definiu os cinco
anos para o Governo, o
PFL passou a agir imedia-
tamente apresentando su-
gestões económicas ao mi-
nistro da Fazenda, Bresser
Pereira.

Lula e Prestes, no Congresso da CUT, falam em nova greve contra recessão

CUT prepara

greve contra
a recessão
A Central Única dos Tra-
balhadores (CUT) vai ten-
tar deflagrar uma greve
geral até o mês de julho co-
mo forma de pressionar o
Governo a deter a recessão
económica em curso no
Pais e a Constituinte a
aprovar os projetos do inte-
resse da classe trabalhado-
ra. A informação foi pres-
tada ontem pelo dirigente
bancário Jaques Oliveira
Pena, membro da Executi-
va Nacional da CUT, du-
rante a abertura do II En-
contro da CUT-DF, realiza-
da no Centro de Conven-
ções.

Cerca de 400 militantes
cutistas estiveram na aber-
tura do encontro, represen-
tando 400 mil trabalhado-
res brasilienses, aproxima-
damente, segundo os diri-
gentes. "O trabalhador do
DF é a grande força de
pressão que o movimento
sindical tem sobre o Gover-
no e o Parlamento", afir-
mou Jaques Pena. Na sua
opinião, a recessão econó-
mica já está avançada no
comércio e na indústria e è
grande a preocupação com
o desemprego. A causa
principal da recessão, na
avaliação da CUT, é a dívi-
da externa. Portanto, o ob-
jetivo da entidade é tentar
a unificação da luta contra
o pagamento aos credores
externos com todas as for-

ças democráticas do conti-
nente latino-americano.

As estrelas do presidente
do Partido dos Trabalhado-
res (PT), Luis Inácio Lula
da Silva, e do ex-secretàrio
do Partido Comunista Bra-
sileiro, Luís Carlos Pres-
tes, brilharam no encontro

da CUT. Embora concor-

dem que só a mobilização
dos trabalhadores levará o
País à democracia e ao so-
cialismo, Lula e Prestes
têm perspectivas de tempo
diferentes. Lula acredita
que o povo virá a Brasília
já durante os trabalhos da
Constituinte para pressio-
nar os parlamentares.
Prestes acha difícil a mobi-
lização popular: "a massa
está desiludida e não acre-
dita mais nem nos revolu-
cionários".

SARNEY

Mas os dois lideres vol-
tam a concordar nas criti-
cas que fazem ao presiden-
te Sarney. "O que ele quer?
Dissolver a Constituinte?
Vivemos um momento pe-
rigoso. Em vez de equili-
brar as finanças, ele distri-
bui verbas aos seus correli-
gionários", dispara Pres-
tes. "Sarney fala pelos mi-
litares, mas eu acho que as
diretas são irreversíveis,
porque a sociedade não o
deseja mais", completa
Lula.

O que falta ao movimen-
to popular para enfrentar o
Governo? Segundo Pres-
tes, falta um desenvolvi-
mento cultural maior, de
que são carentes, inclusive,
as lideranças. "O Lula e o
Brizola não lêem Marx. O
povo não tomará o poder
enquanto não tiver cons-
ciência proletária", acres-
centa. "Não sinto falta de
Marx. O trabalhador, é cla-
ro, precisa se informar o
máximo possível, porque
foi atrofiado intelectual-
mente pelo regime mili-
tar", rebate Lula.

Camata, agora líder informal do Governo
O senador Gerson Cama-
ta (ES) foi incumbido pela
liderança do Governo na
Câmara de recolher no Se-
nado as assinaturas de
apoio ao Centro Democráti-
co, hoje contabilizadas em
mais de 20 nomes. Mas ao
contrário da indicação de
Carlos SanfAnna, o Presi-
dente da República não
pretende indicar nenhum
senador para seu líder, por-
que acha que como ex-
integrante da casa tem la-
ços de amizade suficientes
para ele próprio tecer sua
base de sustentação por
contatos diretos com cada
um dos senadores. Camata
éum líder informal.

O trabalho do senador
Gerson Camata tem sido
facilitado pela ajuda de al-
guns peemedebistas desde
que assumiu a liderança in-
formal do Governo, como
deverá permanecer. O ex-
líder Alfredo Campos é o
segundo signatário do
apoio ao Centro Democráti-
co, mas nega que esteja na
linha de frente desse movi-
mento, algo que Camata
confirma.

Segundo Camata, mais
da metade dos 46 integran-
tes da bancada do PMDB
no Senado está afinada
com os propósitos do cha-
mado grupo moderado do

PMDB. "Afinal", lembra,
"somos Governo e temos

que apoiar o Presidente pa-
ra que ele adote as medidas
necessárias para resolver
a crise, que é económica".
0 senador capixaba con-
corda com a argumentação
de que não deve ser oficiali-
zado na liderança do Sena-
do porque o Presidente tem
amizade com muita gente
na casa e se escolhesse al-
guém acabaria ferindo sus-
ceptibilidades, chegando
até a gerar problemas na
costura da sua base de sus-
tentação.
— Não tenho tempo para
atender aos senadores que
ligam ao meu gabinete pe-
dindo para assinar o docu-
mento do Centro Democrá-
tico — revelou Camata.
De acordo com o sena-
dor, o manifesto condena a
forma de ação da cúpula do
PMDB, porque adotou co-
mo norma falar pelo parti-
do sem consultar seus inte-
grantes nem as bancadas.
"0 PMDB", enfatiza, só to-
ma decisões na hora de ele-
ger Fernando Henrique e
Ulysses Guimarães: no-
meia os ministros mas de-
pois lhes nega apoio. Isso
tem que ser alterado e o
partido precisa assumir
sua condição de Governo —
assinala Camata.

Maurílio pede
o adiamento

da convenção

O coordenador da banca-
da peemedebista de Per-
nambuco, Maurílio Ferrei-
ra Lima. amigo do gover-
nador Miguel Arraes, co-
municou ontem ao presi-
dente do PMDB, Ulysses
Guimarães, que vai forma-
lizar um adiamento da con-
venção nacional do partido,
convocada para os dias 13 e
14 de junho, porque verifi-
cou que por "trás do dis-
curso de Sarney há forças
interessadas em acender
fogueiras" e interromper o
processo democrático.
"A crise política foi con-
sideravelmente agravada
pelo discurso do Presidente
na televisão. Não vamos
por lenha na fogueira dos
outros", acrescento u
Maurílio Ferreira Lima,
informando que outras
bancadas, como as da Ba-
hia, Minas e Rio Grande do
Norte, se inclinam em fa-
vor da tese do adiamento.

Os políticos andam des-
confiados "do tom hierár-
quico e cronológico" do
pronunciamento do Presi-
dente na televisão. E
Maurílio lembra que a con-
venção poderia se consti-
tuir num fato político capaz
de agravar a crise, "que já
foi agravada com a demis-
são do ministro Dante de
Oliveira do Ministério da
Reforma Agrária".

Delegados do

PMDB estão

sob suspeita
Manaus — O secretário:
geral do Diretório Regional
do PMDB, Mirabeau dos
Santos, apresentou ontem
uma lista de 12 delegados à
Executlv? Nacional dopar-
ia;, que está sendo coloca-
da em dúvida. O ex-
deputado federal Randolfo
Bittencourt, cujo nome fi-
gura na lista, disse que se
desligou do partido em no-
vembro do ano passado, en-
quanto o ex-deputado José
Maria Monteiro, que já foi
convocado para votar na
convenção dos dias 13 e 14
de junho, em Brasília, não
consta nessa relação.
Coincidentemente, a
maioria dos nomes que
compõem a lista apresen-
tada por Mirabeau cios San-
tos está ligada ao governa-
dor Amazonino Mendes ou
ao ex-govemador Gilberto
Mestrinho, que defendem o
presidencialismo e um
mandato de cinco anos pa-
ra o presidente José Sar-
ney. Além de Randolfo Bit-
tencourt e de José Maria
Monteiro, um outro "con-
vencional" mencionado
por Mirabeau, Francisco
António Marques da Cu-
nha, tomou um susto quan-
do lhe foi perguntado qual
seria a sua posição na con-
venção nacional do partido
em torno do mandato presi-
dencial e da forma de go^
verno. Francisco Marques
deu a entender que ainda
não sabia que figurava co-
mo delegado do partido na
convenção.
Monteiro estranhou o fa-
to de não constar na lista
dos convencionais. "Co-
mo? Já recebi inclusive a
convocação (exibiu um te-
lex) do presidente nacional
do PMDB para a conven-

:

ção de junho.
Randolfo Bittencourt foi
mais enfático: "Não per-'
tenço mais a esse partido".

Figueiredo aplaudido pelo povo em Minas

WILKIE RODRIGUES

Enviado Especial

Tombos (Minas Ge-
rais) — "Deixei a anistia
e a abertura politica para
eles fazerem a democra-
cia no Brasil, mas o que
eles fizeram foi uma
grande bagunça", disse
ontem, magoado, o ex-
presidente João Figueire-
do, em Tombos, cidade da
Zona da Mata mineira, a
cerca de 200 quilómetros
de Belo Horizonte, numa
visita de amizade, confor-
me ele mesmo frisou, já
que não pôde Ir à cidade,
quando estava na Presi-
dência da República, de-
vido a problemas de
agenda, como convidado

do prefeito Marco Aurélio
Monteiro de Barros, seu
amigo pessoal.
Figueiredo chegou a
Tombos às I2h40 de on-
tem, acompanhado de seu
irmão Luis Felipe, que é
dentista, e do medico
Agenor Valadâo, da cida-
de vizinha de Faria Le-
mos. Ele desfilou pelo
centro da cidade num ve-
lho Ford 1931. sendo
aplaudido por quase toda
a população, que foi às
ruas para recepcioná-lo.
Em seguida, almoçou na
casa do prefeito Marco
Aurélio, do PFL, onde,
em conversas com políti-
cos locais, não escondeu
sua preocupação com os
rumos que o P?is está to-

mando. "Se arrependi-
mento matasse, não teria
dado a anistia e feito a
abertura", foi uma das
frases mais repetidas pe-
lo ex-presldente.
No meio da tarde, apôs
descansar um pouco na
residência do prefeito de
Tombos, o ex-presidente
João Figueiredo se diri-
giu à fazenda de Nézio
Rodrigues Martins.
Esta é a primeira visita
de Figueiredo a Minas,
desde que deixou a Presi-
I dência da República. Ele
foi a Tombos atendendo a
um antigo convite do pre-
feito Marco Aurélio Mon-
teiro de Barros, para as-
sistir à 11» Exposição —
Feira de Suinose Bovinos.

L

ANC88

Pasta 22 a 26

Maio/87

037